

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

JAIR BARBOSA DA SILVA

Essa bolsa, é as minhas coisas do carro: reflexões acerca do tópico marcado em português

Maceió
2011

JAIR BARBOSA DA SILVA

Essa bolsa, é as minhas coisas do carro. Reflexões acerca do tópico marcado em português

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final à obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Januacele F. da Costa.



Maceió
2011

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

- S586e Silva, Jair Barbosa da.
Essa bolsa, é as minhas coisas do carro. Reflexões acerca do tópico
marcado em português / Jair Barbosa da Silva. ó 2011.
129 f.
- Orientadora: Janvacele Francisca da Costa.
Dissertação (mestrado em Letras e Linguística: Linguística) ó Universidade
Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-
Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2011.
- Bibliografia: f. 125-129.
1. Categorias linguísticas. 2. Língua portuguesa ó Sintaxe. 3. Tópico.
4. Tópico marcado. I. Título.

CDU: 801.56

 UFAL	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS FACULDADE DE LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA	 PPGLL
---	--	--

TERMO DE APROVAÇÃO

JAIR BARBOSA DA SILVA

Título do trabalho: "ESSA BOLSA, É AS MINHAS COISAS DO CARRO. REFLEXÕES ACERCA DO TÓPICO SENTENCIAL EM PORTUGUÊS"

Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTOR em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:



Profa. Dra. Januacele Francisca da Costa (PPGLL/UFAL)

Examinadores:



Profa. Dra. Raquel Meister Ko Freitag (UFS)



Profa. Dra. Leilane Ramos da Silva (UFS)



Profa. Dra. Núbia Rabelo Bakker Faria (PPGLL/UFAL)



Profa. Dra. Fabiana de Oliveira (PPGLL/UFAL)

Maceió, 09 de setembro de 2011.

*Dedico este trabalho a uma pessoa muito especial: **Maria D'água Barbosa da Silva**, minha mãe.*

AGRADECIMENTOS

- À Universidade Federal de Alagoas, em particular ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, por haver contribuído imensamente com minha formação profissional e acadêmica.
- À Universidade Federal da Paraíba, hoje meu local de trabalho, pela acolhida e efetivo incentivo aos meus estudos.
- À Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas, especialmente, ao ex-reitor, André Falcão Pedrosa Costa, e à atual reitora Rosângela Fernandes Wyszomirska, por terem-me “adotado” na Instituição de modo tão respeitoso e profissional.
- À minha orientadora, Januacele Francisca Costa (Janu), por seu profissionalismo, pela competência e sabedoria com que nos orienta; também lhe sou grato, Janu, pela paciência e tranquilidade com que você age nos momentos de nosso desespero. Há coisas que não necessitam ser ditas e você não exige que se lhe diga o que não deve ser dito... Eu amarguei momentos terríveis, inclusive de rejeição ao trabalho, depressão, e você apenas me incentivou com o seu “quase-silêncio”. OBRIGADO!
- A Ebeveraldo Amorim Gouveia pelo apoio incondicional, paciência, puxões de orelha, compreensão e companheirismo durante todo o processo de realização deste trabalho.
- Aos meus irmãos, Flávio, Sandra e Betânia, que mesmo não sabendo ao certo o que faço, torcem, a seu modo, pelo meu sucesso, seja lá o que isso venha a ser.
- À Fernanda Fernandes, grande amiga e incentivadora. Hoje distante, mas lá no início, ainda na graduação, foi uma das pessoas que me mostraram as belezas da língua e a delícia da Universidade.
- À Mirtes Torres Vitoriano, pela amizade, torcida, disposição em ajudar, ouvidoria, tolerância e algumas doses de humor para as horas de aflição.
- A João Henrique, pelo apoio e ouvidoria via MSN, nos momentos de puro apertado.
- Aos meus amigos de trabalho, que seguraram minhas ausências, toleraram minhas crises de humor em baixa e me aguentaram: Elienai, Keila, Rafael e Cristiane Martins (UNCISAL); Lua (Nassau).
- Ao psiquiatra Gerardo Campana, que embora tivesse apenas realizando o seu trabalho, no momento mais complicado, fez-me enxergar a realidade de modo mais claro, se é que isso é possível. Na verdade, Gerardo mostrou-me caminhos para que eu fizesse escolhas conscientes.

- Quero agradecer a inúmeras pessoas que contribuíram com a feitura deste trabalho. São colegas, em geral, virtuais, aos quais, portanto, nunca tive acesso pessoalmente: Mônica Orsini, Sérgio Vasco, Raquel Meister Ko Freitag; a outros tive acessos esporádicos: Erotilde Goreti Pezatti, Márcia Teixeira Nogueira, Maria Eugênia Lamoglia Duarte, Marcos Antônio Costa, Maria Luiza Braga e Uli Reich. São pessoas que se dispuseram a ajudar com envio de seus trabalhos, leituras, contatos etc.
- Aos meus ex-alunos da UFAL, da UNCISAL e da Maurício de Nassau pelo carinho, incentivo e compreensão a mim dispensados.
- A Judson Leão de Mello, bibliotecário da Biblioteca Arriete Vilela, pela presteza, compreensão e simpatia com que nos atende.
- A Inês Bassi Peil e Wesslen Nicácio de Mendonça Melonha, funcionários da Pós-graduação, pela prontidão, competência e simpatia com que nos atende.
- Aos professores Aldir Santos de Paula, Clemilton Lopes Pinheiro, Januacele Costa, Núbia Rabelo Bakker Faria e Renira Lisboa de Moura Lima, pelo exemplo de profissionais que são, pela colaboração na minha formação e por serem pessoas com quem sempre contei e por quem fui atendido.
- Aos que fizeram parte da minha banca, pela cuidadosa leitura e sugestões para a melhoria da versão “final” deste trabalho.
- A todos, o meu muito obrigado.

¡Creer que la estructura es previa a la función es como creer que los pájaros vuelan porque algunos animales primero desarrollaran alas y luego tuvieran que ver qué hacían con ellas!

RESUMO

O presente estudo discute o estatuto das construções de tópico marcado em português do Brasil tomando o funcionalismo como suporte teórico, em particular as propostas de Lambrecht (1994) e Li e Thompson (1976). Os dados analisados advieram dos autores de quem lançamos mão para discutir essas construções ou de coleta em conversas informais. Em primeiro lugar, com base em diversos estudos (Tarallo et al. (2002a, 2002b), Callou *et al.* (2002), Pontes (1987), Berlink, Duarte e Oliveira (2009), Perini (1996, 2006, 2008 e 2010), Brito, Duarte e Matos (2003), Li e Thompson (1976), observamos a diversidade de formas com que diferentes autores concebem as construções de tópico e as divergências entre eles, muitas das quais se dão em função da filiação teórica. Na segunda parte do trabalho, onde defendemos o tópico como categoria linguística, apresentamos uma descrição dos aspectos pragmáticos, semânticos e sintáticos envolvidos na codificação dos tópicos. No terceiro e último capítulo, analisamos as construções de tópico em PB, onde constatamos uma variedade estrutural diversificada, a qual reflete propósitos comunicativos. Por fim, chegamos às seguintes conclusões: a) há variedade de nomenclaturas e perspectivas na abordagem das construções de tópico em PB, Assim, o tópico se apresenta nos sistemas linguísticos de maneiras variadas, sendo o mecanismo de codificação dessas estruturas determinado pelo contexto pragmático; b) os estudos linguísticos acerca do tópico têm superado a concepção de que essas construções são do âmbito do estilismo, embora ainda haja determinadas restrições, como defender que o tópico é uma categoria apenas pragmática e não sintática, ou que construções de tópico são agramaticais; c) consideramos a noção de EI (Estrutura da Informação) proposta por Lambrecht (1994) uma das mais completas abordagens para a descrição das construções de tópico marcado, já que a tríade pragmática, semântica e sintaxe é igualmente contemplada; d) reconhecemos que o PB no estágio atual codifica estruturas do tipo sujeito-predicado e estruturas com tópico-comentário; e e) podemos verificar que o PB apresenta, sem dúvidas, enorme frequência de construções de tópico marcado e estas, de alguma forma, encaixam-se nas propriedades das línguas de tópico propostas por Li e Thompson (1976), o que nos permite afirmar que no PB as estruturas Tp são tão básicas quanto as Sp.

Palavras-chave: Tópico marcado; Categoria linguística; Tópico em PB.

ABSTRACT

Having functionalism as its theoretical support, especially Lambrecht's (1994) and Li and Thompson's (1976) proposals, this thesis presents a discussion into the rules for marked topic constructions in Brazilian Portuguese (BP). All analyzed data came from authors whose constructions are herein discussed or from informal conversations. Based on several studies (Tarallo et al. (2002a, 2002b), Callou *et al.* (2002), Pontes (1987), Berlink, Duarte and Oliveira (2009), Perini (1996, 2006, 2008 and 2010), Brito, Duarte and Matos (2003), Li and Thompson (1976), we firstly looked into how different authors conceive of topic and how much disagreement there is among them, most of which as a result of their theoretical affiliation. On the second chapter of the work we stress topic as a linguistic category and bring to light a description of the pragmatic, semantic, and syntactic aspects involved in the codification of topics. The third and last chapter contains our assessment of topics in BP, in which we found a variety of structures that reflects communicative purposes. Ultimately, we drew the following conclusions: a) there are different nomenclatures and perspectives when dealing with topic construction in BP. Thus, the topic may appear in linguistic systems in a variety of ways, and the pragmatic context determines how such structures are codified; b) linguistic studies on topics have scrapped the notion of these structures being stylistic, although some restrictions do remain, such as the one that renders the topic to be a solely pragmatic and not syntactic category, or the one that states that topic constructions are agrammatical; c) we deem the idea of IE (Information Structure), as advanced by Lambrecht (1994), to be one of the most thorough approaches to the description of constructions with marked topic, for pragmatics, semantics, and syntax are equally considered; d) we acknowledge the fact that the current BP does codify subject-predicate and topic-comment structures; and e) we can undoubtedly attest to the high frequency of marked topic constructions within BP, and that these constructions are somehow in accordance with the properties of topic-prominent languages proposed by Li and Thompson (1976), which allows one to assert that Tp and Sp structures are just as basic in BP.

Keywords: Marked topic; Linguistic category; Topicalization in BP.

LISTA DE ABREVIações/SIGLAS

SIGLAS	Extensão
DCCI	Dado Coletado em Conversa Informal
DE	Deslocamento à Esquerda
EH	Exemplo hipotético
EI	Estrutura da Informação
expl	Expletivo
GPCFB	Gramática do Português Culto Falado no Brasil
GPF	Gramática do Português Falado
NURC	Norma Urbana Culta
OD	Objeto Direto
PB	Português Brasileiro
RJN	Repórter do Jornal Nacional
SN	Sintagma Nominal
SP	Sintagma Preposicional
Sp	Sujeito proeminente
SPsc	Sintagma Preposicional sem cabeça
Top	Topicalização
Tp	Tópico proeminente
- F	Menos freqüente

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Natureza do trabalho.....	18
Estrutura da tese.....	21
1 PRIMEIRAS PALAVRAS	23
1.1 Tópico: base conceitual	23
1.1.1 Sobre o tratamento do tópico da GPF.....	24
1.1.2 O tópico na GPCFB.....	31
1.1.2.1 Anacoluto ou tópico pendente.....	32
1.1.2.2 Deslocamento à esquerda.....	35
1.1.2.3 Topicalização.....	37
1.1.2.4 Tópico-sujeito.....	40
1.1.3 O tópico em Perini.....	41
1.1.4 O tópico em Brito, Duarte e Matos.....	46
1.1.4.1 Tópico pendente.....	48
1.1.4.2 Deslocação à esquerda de tópico pendente.....	49
1.1.4.3 Deslocação à esquerda clítica.....	50
1.1.4.4 Topicalização.....	53
1.1.4.5 Topicalização selvagem.....	55
1.1.5 O tópico em Pontes.....	56
1.1.6 Li e Thompson.....	57
2 TÓPICO ENQUANTO CATEGORIA LINGUÍSTICA	65
2.1 Propriedades sintáticas	66
2.2 Propriedades semânticas	76
2.3 Propriedades pragmáticas	82

2.3.1	Estrutura da informação.....	84
3	CONSTRUÇÕES DE TÓPICO EM PORTUGUÊS DO BRASIL.....	98
3.1	Propriedade das construções de tópico em línguas de tópico.....	99
3.2	Propriedades das construções de tópico em PB.....	101
4	Considerações finais.....	122
	REFERÊNCIAS.....	125

INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos, desde a sua fundação, apresentam necessidade de justificação. Dada a complexidade da linguagem humana, conseqüentemente, dos olhares que se voltam para ela, quando se produz qualquer trabalho que vise à explicação e ou a descrição do funcionamento da língua, alguns cuidados são necessários, ainda mais se essa descrição/explicação almeja o fazer científico. Desta feita, a nossa intenção é discutir as construções de tópico marcado, objeto, portanto, da nossa tese. Antes, porém, se faz necessário esclarecer o que denominamos de tópico marcado.

Uma vez que a literatura linguística muito fala sobre “tópico”, convém entender que o tratamento dado a essa questão ora volta-se para o texto, ora para o discurso, ora para a sentença propriamente dita. O tópico, na perspectiva textual-interativa, conforme Jubran (2006), também chamado de tópico discursivo, tem como palco o texto, onde a construção dos enunciados é colaborativa, produzida pelos falantes, no caso do texto falado, de modo a haver entrosamento, mantendo-se a conversa em torno de um *objeto-de-discurso*, ou tópico proeminente.

O tópico decorre, portanto, de um processo que envolve colaborativamente os participantes do ato interacional na construção da conversação, assentada em um complexo de fatores contextuais, entre os quais as circunstâncias em que ocorre o intercâmbio verbal, o grau de conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos partilhados entre eles, sua visão de mundo, o *background* de cada um em relação ao que falam. (JUBRAN, 2006, p. 90).

Dessa forma, Jubran (Op. Cit.) toma o tópico discursivo como unidade de análise, donde se pode concluir que o tópico não pode ser uma propriedade

exclusiva da sintaxe, mas também do texto. Para a autora, portanto, “o tópico discursivo não se confunde com o da estrutura sentencial *tópico/comentário*, *tema/rema*. Os segmentos textuais com estatuto tópico assumem uma extensão que vai além do nível sentencial”. (JUBRAN, Op. Cit, p. 91). Sob essa ótica, o tópico discursivo comporta duas propriedades marcantes: a *centração* e a *organicidade*. A *centração* diz respeito ao fato de os interlocutores construírem seus enunciados sempre sobre dados referentes, os quais são concernentes entre si e apresentam relevância numa passagem do texto; já a *organicidade* diz respeito às relações de interdependência tópica de um dado discurso e são estabelecidas, concomitantemente, no plano hierárquico e no plano linear¹.

O tópico marcado, também chamado de tópico sentencial na literatura especializada, objeto de discussão desta tese, tem por *locus* a sentença, portanto, sua manifestação se dá no âmbito da sintaxe sentencial, em estruturas do tipo *tópico/comentário*, logo num nível mais restrito do que o nível do texto propriamente, conforme prevê Jubran (2006). Muito embora reconheçamos que tanto o tópico discursivo quanto o marcado sejam motivados, efetivamente, pelo uso da língua, por conseguinte, pelo discurso, entendemos que são objetos de estudo distintos, já que sua escala de abrangência também é distinta.

Antes de se passar adiante, faz-se necessário um importante esclarecimento: o *conceito de sentença* com o qual empreenderemos as nossas discussões no trabalho. Segundo Camara Jr. (1986), sentença é o mesmo que frase e pode ser assim entendida:

Unidade de comunicação linguística, caracterizada, como tal, do ponto de vista comunicativo – por ter um propósito definido e suficiente para defini-lo,

¹ Cf. Jubran (2006).

e do ponto de vista fonético – por ter uma entonação, que lhe assinala nitidamente o começo e o fim. É assim a divisão elementar do discurso, mas pertence à estrutura linguística por obedecer a padrões sintáticos vigentes na língua (...). Na linguagem oral da comunicação cotidiana, a frase é complementada pela mímica do falante e pelos dados da situação em que é enunciada, pois desenvolve-se então um pequeno drama, em que um FALANTE se dirige a pelo menos um OUVINTE sobre um ASSUNTO em uma determinada SITUAÇÃO concreta (...). (CAMARA JR. (Op. Cit., 122)).

Em termos operacionais, para os fins deste trabalho, entenderemos a sentença como sendo uma unidade da língua que atende aos propósitos comunicativos de seus usuários (falante/ouvinte); tal unidade é formada por uma predicação completa, sendo a conexão entre os constituintes da predicação feita pelas mais diversas formas ou arranjos sintáticos, inclusive com elementos externos antepostos (tópico) ou pospostos (antitópico), a depender do contexto pragmático.

Em português, como nas mais diferentes línguas, há determinadas situações em que o falante rompe a chamada “ordem preferencial” de organização do discurso – no caso do português, SVO – e, assim, a organização das sentenças vão muito além da seleção, pelo verbo, de um sujeito sintático; há outras relações aí implicadas, senão, vejamos:

(1) **Santaella**, a Nassau não podia ter sido mais certa. (DCCI)

O contexto da sentença (1) foi o seguinte: alunos da IES Maurício de Nassau/Unidade Maceió faziam comentários sobre a conferência proferida por Lúcia Santaella sobre Semiótica na Semana de Design Gráfico. Daí, de modo muito satisfeito, um aluno enunciou (1).

Parece legítimo considerar que o termo “Santaella” não foi selecionado pelo verbo, tampouco está em relação de concordância com ele, muito menos está integrado sintaticamente ao comentário, mas a sentença no todo é compreensível, faz parte da variedade de estruturas do português, inclusive na sua variedade culta. A relação estabelecida entre “Santaella” e o comentário é referencial/semântico-pragmática, a ordem SVO, dita preferencial do português, é rompida. Trata-se, portanto, de uma marcação dessa ruptura, a que denominaremos de tópico marcado.

Neste caso, é importante considerar que, sob a perspectiva teórica adotada, a sintaxe está a serviço da semântica e da pragmática e, em assim sendo, não só a construção em pauta, mas todas as demais que discutiremos são sintáticas, ou seja, as construções com tópico marcado também fazem parte da estrutura sintática da língua portuguesa, não se trata de elementos estanhos ou de esquisitices sintáticas, como há muito defende a tradição gramatical.

Todos os autores (Pontes (1987), Pezatti (1998), Costa (2008), Perini (1996), dentre outros) a que tivemos acesso apontam para a necessidade de verificar de modo mais apurado de que forma as construções de tópico marcado se estruturam na língua, o efeito de sentido que elas provocam no discurso, além do modo como a língua integra sintaxe, semântica e pragmática, não necessariamente nessa ordem, quando os falantes produzem ou “codificam” um tópico em seu discurso.

Algumas línguas orientais há muito possuem boas descrições acerca das construções em que há tópico marcado². No português do Brasil, ao contrário, podemos dizer que são bastante novos os empreendimentos nesse sentido. É o

² Cf. XU, L. Topicalization in Asian Languages. In: EVERAERT, M. and HENK van R. (eds). *The Blackwell Companion to Syntax*, Vol. V. Blackwell Publishing, 2005.

trabalho de Eunice Pontes (1986/1987) um dos primeiros a se ocupar desse tipo de construção no português do Brasil. Segundo Castilho (2010, p. 280),

lá pela década de 1970, os linguistas italianos foram os primeiros a levantar a lebre das construções de tópico, a que eles denominaram 'emarginações', 'deslocamento para a esquerda', '*nominativus pendens*', 'tema pendente', rótulos que aparecem em Antinucci/Cinque (1977), Duranti/Ochs (1979a, 1976b).

Apesar de Castilho não ser categórico, pensamos que ele errou nas contas, pois, conforme consta no clássico artigo, intitulado de *Subject and topic: a new typology of language*, de Li e Thompson (1967, p. 459),

This paper is an amalgamation of three earlier papers and renders them obsolete: (1) "Chinese as a Topic-Prominent Language," prepared and circulated for the 7th International Conference on Sino-Tibetan Languages and Linguistics, October, 1974; (2) "Subject and Topic: A New Typology of Language," presented at the LSA Annual Meeting, New York, December, 1974; (3) "Evidence Against Topicalization in Topic-Prominent Languages," circulated prior to the Symposium on Subject and Topic.

Ou seja, os trabalhos de Li e Thompson ocorreram um pouco antes do dos italianos. Minúcias à parte, o fato é que todos os autores que se propõem a estudar as construções de tópico, de alguma forma, se baseiam em Li e Thompson, nem que seja para negá-los.

Nas últimas duas décadas, há no Brasil uma série de trabalhos (capítulos de livros e subcapítulos, dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos) abordando as construções de tópico marcado. O nosso objetivo com a presente pesquisa é fazer um levantamento crítico acerca desses trabalhos, o que será mais

bem descrito no próximo item, além de mostrar que o português do Brasil tem se comportado como uma língua com tópico proeminente.

Natureza do trabalho

Os estudos acerca das construções de tópico, de modo geral, tomam por base dois caminhos teóricos: os de cunho gerativista, nos quais se tenta explicar as regras de movimento, o local onde a construção é gerada, dentre outros aspectos que legitimam esse modelo teórico; os de base funcionalista, cuja tendência é explicar tais construções, não necessariamente revelando como elas são “geradas”, mas por que o são. Nesse sentido, os estudos de base funcionalista defendem que as construções de tópico se apresentam na língua do modo como se apresentam para cumprirem determinadas funções comunicativas.

Sendo assim, muitas vezes trabalhos realizados numa ou noutra perspectiva ora se complementam, ora se opõem. A nossa opção teórica, contudo, será pela adoção dos princípios funcionalistas por acreditarmos que a linguagem é uma atividade sociocultural; a estrutura serve a uma função cognitiva ou comunicativa; a estrutura é não arbitrária, motivada e icônica; a mudança e a variação estão sempre presentes nas línguas; o significado é sempre dependente do contexto e não atômico; as categorias não são discretas; a estrutura é maleável, não rígida; as gramáticas são emergentes; e as regras das gramáticas permitem desvios³. Porém, não desconsiderarmos que há interessantes contribuições para o estudo das construções de tópico noutras perspectivas, em especial na linha dos estudos

³ Cf. Givón (1995).

gerativistas, apesar de determinadas limitações, as quais são oriundas da ausência e ou consideração de dados reais da língua.

A nossa opção metodológica, então, consiste em fazer, inicialmente um levantamento teórico acerca desse frequente fenômeno linguístico: o *tópico marcado*. Importa-nos saber o que os vários teóricos, mesmo que de filiações distintas, têm postulado sobre esse tipo de construção em português. Em seguida, nossa tarefa será defender que as construções de tópico são uma estratégia de se formar sentenças no português do Brasil, mas não a única. Daí advém a nossa hipótese de trabalho: o PB parece estar a caminho da proeminência de tópicocomentário, nos termos de Li e Thompson (1976).

Nossa pesquisa é de caráter bibliográfico, a qual, sob a ótica de Severino (2007, p. 122) “se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados”.

Diante dessa posição, convêm alguns esclarecimentos acerca dos dados de fala presentes no texto. De modo geral, eles são transcritos dos textos dos autores sobre os quais empreendemos as discussões a fim de mostrarmos determinadas características e ou propriedades das construções de tópico. Ao transcrevermos cada dado, colocaremos a devida referência logo em seguida. Além disso, seremos fiéis à codificação desses dados secundários, ou seja, eles serão usados tais quais se apresentam nos textos-fonte, já que não nos sentimos à vontade para reestruturar dados coletados por outrem. Desse modo, obviamente, não haverá padronização dos dados apresentados no decorrer do trabalho.

Outros dados, os que não foram transcritos dos autores de quem nos utilizamos, foram coletados de conversas informais (os quais aparecerão seguidos da sigla DCCI – dado coletado em conversa informal), na nossa vivência em ambientes de ensino superior ou no nosso dia a dia. Quanto à validade deles, apegamo-nos ao simples fato de que qualquer falante da língua portuguesa os reconhece como sendo estruturas legítimas desta língua, conforme se observa em (2):

(2) **Essa bolsa**, é as minhas coisas do carro. (DCCI)

É bem verdade, a exemplo do que acontece com o dado que dá título a este texto, que o falante, às vezes, tende a querer avaliá-lo à luz da gramática normativa, do certo e do errado, o que gera conflitos quanto ao conteúdo veiculado pela frase referida. Isso, certamente, tem uma razão: toda vez que o falante é solicitado a avaliar uma dada estrutura da língua, ele, por razões até culturais, remete sua análise, de pronto, à norma-padrão. Isso, obviamente, se se pega uma sentença como (2) isoladamente e se pede avaliação do falante. No entanto, de modo contextualizado, no momento real da produção, o falante não hesita quanto a compreensão de (2), já que é uma construção própria da língua portuguesa nos termos aqui adotados, e é isso que estamos considerando.

Diante do exposto, que fique claro, os dados presentes no texto não advieram de *corpora* tradicionais como NURC ou similares, tampouco dispusemo-nos a coletar dados a fim de elaborar um *corpus*, já que a nossa finalidade é discutir as questões teóricas apresentadas pelos mais diversos linguistas sobre nosso objeto de estudo, o tópico marcado.

Estrutura da tese

A presente tese será dividida em três partes, a saber: *Primeiras palavras*, em que apresentaremos os fundamentos acerca das estruturas de tópico. Para isso, tomamos por base as propostas de diversos autores, a fim de analisarmos os principais trabalhos que versam sobre as construções de tópico marcado, principalmente aqueles escritos acerca do português do Brasil. No entanto, não nos furtaremos de acrescentar às nossas discussões trabalhos cujas línguas descritas não sejam o português brasileiro; nesse caso, interessam-nos os fundamentos.

A segunda parte do trabalho, rotulada de *Tópico enquanto categoria linguística*, versará sobre as propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas das construções de tópico marcado. Além disso, é nosso propósito verificar de que forma esses três componentes interagem no discurso. Além disso, o capítulo dois traz a discussão da noção de estrutura da informação (EI) proposta por Lambrecht (1994) com o intuito de mostrar que é por meio da EI que as estratégias de codificação da língua funcionam.

Na terceira e última etapa, rotulada de *Português do Brasil: a caminho da proeminência de tópico*, faremos um levantamento das construções de tópico marcado no português do Brasil. A ideia é compilar as descrições já feitas e, a partir delas, tecer generalizações acerca da estruturação e funcionamento desse tipo de construção no português do Brasil, língua que parece estar “caminhando” para uma proeminência de tópico.

A discussão acerca do português do Brasil como língua que se encontra em processo de mudança para a proeminência de tópico será, também, objeto do capítulo três da tese. Este será um caminho a ser percorrido em nosso trabalho:

acreditamos, com bases nas evidências de uso da língua, na mídia, em situações formais e informais, tais como conversas espontâneas, aulas, palestras etc. que, de fato, o português brasileiro está tendente a uma língua com proeminência de tópico ou, ao menos, com tópico e sujeito proeminentes, conforme a classificação de Li e Thompson (1976). Por fim, serão feitas as nossas considerações finais e listadas as contribuições e propostas de estudos posteriores.

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

I do not pretend to have resolved everything in this book. Language is too vast a phenomenon – to know all about it is to know all about man and the universe and thus, in principle (cf. Heisenberg and Goedel), impossible. I see language as a giant rock, we tuneled it from various points of departure, we work mostly in the dark. (GIVÓN, 1979, p. xiv.).

Neste primeiro capítulo, faremos uma revisão das diversas perspectivas pelas quais se busca compreender as construções com tópico marcado. A maior parte dos autores que discutiremos versa sobre o tópico em português do Brasil e os que o descrevem em outras línguas serão aqui postos por trazerem importantes discussões teóricas, a exemplo de Li e Thompson (1976) e Lambrecht (1994).

1.1 Tópico: base conceitual

De acordo com Silva (2006a, p. 01), “o termo *tópico* é bastante veiculado no âmbito da literatura linguística, seja ela de base formal ou funcional” e, entretanto, nem sempre é tomado de maneira similar de uma abordagem para outra ou mesmo dentro de um mesmo paradigma, o que requer alguma prudência ao se tratar do assunto, uma vez que nem toda estrutura linguística que recebe o rótulo de tópico dispõe da mesma modelagem.

Ainda conforme Silva (2006b, p. 62), “certamente o estudo das construções tópicas não se esgota numa dissertação de mestrado, tampouco foi esta a nossa pretensão. Há, sem dúvidas, muito que se dizer sobre essas construções, dada a

sua variedade e complexidade”. Em relação à descrição do tópico no Português do Brasil, uma relevante obra deixou de ser analisada em Silva (2006b): *Gramática do Português Falado* (GPF). Para Silva (Op.cit. p. 46),

Em *Gramática do Português Falado* (volumes I, II, III e IV), por exemplo, há diversos artigos que discutem as construções tópicas, não só do ponto de vista funcional, mas também formal. Autores como Mary Kato, Maria Luiza Braga, Fernando Tarallo, Clélia Candida Jubran, dentre outros, conjuntamente descrevem e discutem as construções tópicas. Sem dúvida, é um material digno de leitura cuidadosa, o que requer tempo adequado, com vistas à ampliação do leque de possibilidades de análise e de entendimento da categoria *tópico*. Certamente, será material incluso, posteriormente, em nossas pesquisas.

Conforme sugestão de 2006, agora traremos à baila essa importante obra de descrição do português falado no Brasil. A seguir, apresentaremos as principais contribuições da obra sobre o tópico sentencial.

1.1.1 Sobre o tratamento do tópico na GPF

Para Tarallo *et al.* (2002a, p. 27), “o SN que aparece iniciando uma emissão, como parte de uma sentença esboçada mas não completada, será identificado como sujeito, embora nem sempre possa ser identificado pela grade temática do verbo, constituindo aquilo que se tem convencionalmente chamado de tópico”. Conforme Kato *apud* Tarallo *et al.* (Op. cit., p. 30), há determinados elementos que ocupam funções não argumentais, periféricas à sentença, também denominados de “margens”, dentre as quais está o tópico. Ainda para esses autores, a tomada dos *corpora* que constituem os dados da GPF de forma canônica levaria ao abandono de estruturas “incompletas, parcialmente esboçadas e interrompidas por um segmento

que não parece fazer parte do núcleo sintático e [aquelas] acrescidas de elementos periféricos antes do *sujeito* e depois do *predicado*". (TARALLO, *et al.*, 2002a, p. 25).

Neste sentido, faz-se pertinente entender que o tópico apresenta algumas das características acima descritas, mas dispõe de uma posição fixa: antes do sujeito, o que, sob o aspecto posicional, muitas vezes pode distingui-lo do foco ou do subtópico, cujas posições em geral não coincidem com a de tópico. A ideia de ruptura em Tarallo *et al.* (Op. Cit.) é fundante, uma vez que os 'ruptores', "estejam eles no espaço que viola a adjacência (ruptores *stricto sensu*), estejam nas posições marginais da sentença ou ainda na posição entre a cópula e o predicativo (posições não argumentais que não violam a adjacência de caso)", constituem rico material de interesse desses autores, os quais quase sempre são desprezados por descrições tradicionais da língua. Muito embora os autores mencionem a possibilidade de se analisar os ruptores sob vários prismas funcionais, aqui nos interessa o que eles denominam de funcional-lógico-discursivo, haja vista que é nesse nível funcional que o tópico se insere.

Para Tarallo *et al.* (2002a), os elementos ruptores não podem ter nenhuma função gramatical (sujeito, predicado, complemento direto ou indireto e assim por diante), mas podem ter função sintático-semântica. Os autores admitem, ainda, que os ruptores, além de funções gramaticais, não podem exercer função discursiva, tampouco narrativa, funcionando "apenas como um preenchedor automático da fala, sem interpretação semântica em forma lógica". (TARALLO, *et al.*, 2002a, p. 31)⁴.

⁴ Como o que nos interessa são as bases conceituais acerca do tópico, o levantamento estatístico, com base na Teoria da Variação, feito por Tarallo *et al.* não se faz necessário de descrição neste espaço.

Em Tarallo *et al.* (2002b) mais uma vez os autores trazem à tona a questão dos ‘ruptores’. De modo geral, esses linguistas tomam os ruptores agora como adjuntos, portanto, não argumentais. E é exatamente assim que o tópico é tratado:

(...) considerou-se o tópico e o antitópico como um tipo de adjunção, por não participarem necessariamente da estrutura temática do verbo, sendo, portanto, analisados como ruptores nas margens da sentença. (...) Todavia, considerando-se o português uma língua de tópico (...) passamos a interpretar a relação entre o sintagma tópico e a sentença como uma relação sintática de predicação (...) e esse SN como tipo de sujeito não temático. (TARALLO, 2002b, p. 306).

Além disso, assumem que quando essa posição, a de tópico, não é preenchida, tal vazio é um pronome nulo a exemplo do que ocorre com o sujeito referencial nulo. Há, portanto, assumidamente, uma reconsideração por parte desses linguistas acerca das propriedades do tópico, ou seja, elementos que antes eram tidos como marginais “passam a integrar base sintática da análise”, (TARALLO, *op. cit.*, p. 307), mas agora como sendo um sujeito não argumental.

Ao término do capítulo a que nos referimos anteriormente, os pesquisadores chegaram à conclusão de que há a necessidade de um trato mais qualitativo dos dados, principalmente no que concerne a entidades como tópico, antitópico e expletivo \emptyset , uma vez que estas categorias não estão “funcionalmente claras”. Em função de necessidade de maior elucidação dos temas abordados, sobretudo no tocante aos aspectos qualitativos, os autores apontam uma agenda de trabalhos, na qual as construções de tópico ganham capítulo à parte.

Callou *et al.* (2002), quando do cumprimento da agenda proposta no volume anterior da GPF, começam por citar a clássica distinção feita por Ross (1967) entre topicalização e deslocamento à esquerda: a diferença básica reside no fato de o SN

externo estabelecer vínculo com uma categoria vazia ou pronome da sentença seguinte. Quando a relação dá-se com uma categoria vazia, há topicalização; quando a relação é estabelecida com o pronome, há o deslocamento à esquerda, assim se convencionou. Existem estudiosos, entretanto, que não adotam essa distinção, de modo a tratar toda porção que se coloca na posição inicial de sentença como sendo tópico⁵.

Para Pontes (1987), no português falado no Brasil é bastante comum um e outro tipo de construção, ao contrário do que ocorre em outras línguas. Assim, tanto é possível se dizer:

(3) **Aqueles livros da coleção SS**, eu comprei um *deles* por US\$ 40.
(PONTES, 1987)

(4) **Aqueles livros da coleção SS**, eu comprei um \emptyset por US\$ 40. (PONTES, 1987)

Trata-se, portanto, não de uma distribuição complementar, mas de uma variação livre, a qual Kato *apud* Callou et al. (2002, p. 316) atribui “ao desaparecimento do sistema de clíticos no português coloquial, fazendo com que as construções de DE assumam muitas vezes a feição superficial da construção de TOP”.

Conforme Callou *et al.* (op. cit., p. 316) “essa convergência de formas de TOP e de DE não significa, contudo, que o português tenha casos típicos de TOP, como bem mostrou Pontes (1987) com o contraste entre os exemplos que se seguem”:

(5) Feijão eu não gosto.

⁵ Cf. Pezatti, 1998, Dik, 1980.

(6) *Feijão eu não gosto dele.

Antes de prosseguirmos com a discussão apresentada por Callou *et al.*, vejamos os dois quadros abaixo, transcritos de Silva (2006), com base no que Pontes (1987) propõe acerca do tópico nas línguas de tópico, bem como a relação disso com o português.

Quadro I - Características do tópico nas línguas de tópico⁶

CARACTERÍSTICA	TÓPICO	SUJEITO
DEFINIÇÃO	+	-
RELAÇÕES SELECIONAIS	-	+
DETERMINADO PELO VERBO	-	+
PAPEL FUNCIONAL	+	-
CONCORDÂNCIA VERBAL	-	+
POSIÇÃO INICIAL NA SENTENÇA	+	-
PROCESSOS GRAMATICAIS	-	+

Fonte: Silva (2006)

⁶ É importante considerar alguns fatores quando da leitura do quadro, a saber: I. a oposição tópico/sujeito se deu porque se está levando em conta a questão das línguas em que se tem proeminência de tópico em relação às que têm proeminência de sujeito; II. todas as características referentes ao tópico são bastante rígidas, mas isso não implica a impossibilidade de haver uma ou outra que supere essa rigidez. A concordância, por exemplo, apesar de muito rara, exatamente porque o verbo seleciona o sujeito e não o tópico, pode se dar com o tópico nos casos em que este é idêntico ao sujeito ou nos casos em que há o pronome-cópia.

Quadro II - Características das línguas de tópico

CARACTERÍSTICA	OCORRÊNCIA EM PORTUGUÊS
PASSIVIZAÇÃO	Não há ou é muito rara.
SUJEITOS VAZIOS	Não há, diferentemente do inglês e do francês, com o <i>it</i> e o <i>il</i> , respectivamente.
"DUPLO SUJEITO"	Ocorre, o que é típico das línguas de tópico.
CORREFERÊNCIA	É estabelecida com o tópico e não com o sujeito.
RESTRIÇÕES DO TÓPICO	Não há, qualquer SN pode ser tópico.
SENTENÇAS BÁSICAS	As sentenças de tópico não são derivadas; são por elas mesmas básicas.

Fonte: Silva (2006)

Autores como Pontes (1987), Duranti e Ochs (1976) verificam uma relação entre o traço definição/DE e indefinição/TOP, relação contestada por Kato *apud* Callou *et al.* (2002, p. 317), com o argumento de que “a ocorrência de um SN indefinido está ligada ao fato de a construção de tópico ser uma construção de foco marcado podendo ocorrer na posição de TOP quando este é o foco marcado, podendo um SN aí ocorrer caso ele seja o foco da sentença”. Dessa forma, pode-se observar que o tratamento dado ao tópico marcado nem sempre se faz unânime: se, como propõe Pontes (1987), o tópico é caracterizado pelo traço (+) definição, seria contraditório tê-lo também como marcado com o traço (-) definição, ou indefinição.

Parece legítimo e prudente, de antemão, reforçar que essas aparentes contradições se instauram porque os autores discutem/descrevem o tópico a partir de bases teóricas distintas: para Galves *apud* Callou (op. cit., p. 318), trata-se de “um tipo de sujeito permitido por certas línguas: o sujeito com predicado oracional, ao lado de sujeito com predicado verbal, apresentando o fenômeno do duplo

sujeito”, versão também contestada por Pezatti (1998), uma vez que, segundo esta linguista, o tópico exerce função pragmática e o sujeito, função sintática, o que bloqueia a ideia do “duplo sujeito”.

Kato (1989) também considera o chamado ‘tópico’ o sujeito da sentença e mostra que as línguas diferem em relação a: a) poderem ou não ter sujeito não argumental e b) o sujeito não argumental poder ser apenas um sujeito expletivo (não referencial) ou um sujeito referencial, porém não argumental. (CALLOU, *et al.*, 2002, p. 318).

Ou seja, há línguas que admitem um sujeito argumental selecionado pela grade temática do verbo, línguas cujo sujeito é não argumental e, portanto, não referencial, e línguas que admitem sujeitos não argumentais, mas referenciais. Vejamos:

I- Sujeito argumental

(7) (...) **a cultura** *dexa a desejá*⁷... (SILVA, 2006, p. 57)

II- Sujeito não argumental, não referencial

(8) ***Ele** vai chover⁸. (CALLOU, 2002, p. 319)

III- Sujeito não argumental referencial

(9) (...) **política** *eu não intendo quase nada de política*... (SILVA, 2006, p. 52)

⁷ Os dados retirados de Silva (2006) estão grafados com escrita fonética porque assim o estão na fonte e, como dissemos anteriormente, não nos sentimos no direito de alterar os procedimentos de registro dos dados.

⁸ Este tipo de construção não ocorre em português do Brasil.

Notadamente, não se pode atribuir uma noção singular a tópico. Há de se observar que critérios teórico-metodológicos que são adotados na sua descrição. O trabalho inicial de Tarallo *et al.* (2002a), por exemplo, mostra uma visão acerca das construções de tópico bastante limitada, sendo sua função apenas de “preenchedor automático de fala”, postura revista em (2002b), quando as construções dessa natureza passam a fazer parte das análises dos dados, agora com um espaço na sintaxe da língua.

A recondução do trabalho de Tarallo *et al.* (2002b) não é à toa, uma vez que indica exatamente o que supúnhamos quando da nossa escolha por trabalhar com construções de tópico, ou seja, há muito mais informação nesse tipo de estrutura linguística do que a “simples” inversão de constituintes.

1.1.2 O tópico na GPCFB

Segundo Berlink, Duarte e Oliveira (2009) a construção que se organiza com um constituinte externo à sentença seguido de uma sentença-comentário dá-se o nome de tópico marcado e há línguas que privilegiam este tipo de construção – as chamadas línguas com proeminência de tópico, as quais são orientadas para o discurso, conforme proposta de Li e Thompson (1976). Já outras línguas, em lugar de privilegiar a relação tópico-comentário, privilegiam sujeito-predicado e estas são orientadas para a sentença. Para as autoras, o português do Brasil apresenta as duas estruturas predicativas, posição contestada por Pontes (1987), para quem o português do Brasil é uma língua com proeminência de tópico, portanto, orientada para o discurso.

Para Berlink, Duarte e Oliveira (2009), as construções de tópico marcado também são conhecidas como ‘duplo sujeito’, “sendo o ‘sujeito externo’ o tópico (ou sujeito do discurso) e o interno, o sujeito sintático, um argumento selecionado pelo predicador (externo e, às vezes, interno) que entra em relação de concordância com o verbo”. (BERLINK, DUARTE e OLIVEIRA, 2009, p. 152). Para as autoras, a relação estabelecida entre o tópico e a sentença-comentário não constitui um bloco unânime. Desse modo, a depender do tipo de conectividade sintática entre o tópico e a sentença-comentário, classificam-se tais relações em: *anacoluto ou tópico pendente, deslocamento à esquerda, topicalização, tópico-sujeito e antitópico*⁹.

1.1.2.1 Anacoluto ou tópico pendente

Este tipo de construção acontece quando a conectividade entre o tópico e a sentença-comentário é meramente semântica. Vejamos:

- (10) **os museus**, os prédios tudo entregues às baratas não têm um cuidado né? (SILVA, 2006, p. 53)
- (11) **Filme**, eu gosto mais de comédia. (BERLINK, DUARTE e OLIVEIRA, Op. cit., p. 152)
- (12) **Salada**, as verduras¹⁰ as verduras têm de ser bem limpas. (DCCI)

Como se observa, a relação ou conectividade existente entre *os museus*, *filme* e *salada* com as respectivas sentenças-comentário subsequentes não é

⁹ Esta última categoria será excluída do nosso trabalho, pois a nós interessam as construções que se situam à esquerda da sentença-comentário.

¹⁰ No contexto em que (12) foi produzida, o falante fez uma pausa grande em *salada* e outra leve em *as verduras*, o que nos leva a defender que há um encadeamento de tópicos.

sintática, ou seja, os tópicos referidos não são argumentos dos verbos, nem interno nem externo, tampouco exercem qualquer função sintática na sentença-comentário. No entanto, do ponto de vista da estrutura da informação, é coerente a presença da codificação dos tópicos *os museus*, *filme* e *salada*, uma vez que semanticamente *cultura* >¹¹ *museu*; *filme* > *comédia*; e *salada* > *verduras*.

A tradição gramatical denomina esse tipo de construção de *anacoluto*, “período iniciado por uma palavra ou locução, seguida de pausa, que tem como continuação uma oração em que essa palavra ou locução não se integra sintaticamente, embora esteja integrada pelo sentido”, (HOUISS, 2009, *versão eletrônica*) e pertence às figuras de linguagem, é visto como desviante das construções ditas canônicas; modernamente, os estudos linguísticos têm rotulado tais construções de tópico pendente.

De acordo com Berlink, Duarte e Oliveira (2009), as línguas com proeminência de tópico ou orientadas para o discurso não exigem a presença de introdutores de tópico (SPs), tampouco são estruturadas com sujeito-predicado, o que nos leva a crer que o português do Brasil pode perfeitamente enquadrar-se nessa categoria, já que é imenso o número de construções que os falantes usam sem introdutores de tópico ou formadas sem sujeito-predicado.

Por outro lado, o português do Brasil apresenta um sem-número de construções com sujeito-predicado, sem tópico, o que nos leva a crer, diferentemente de Pontes (1987), que em português brasileiro há duas construções: tópico-comentário e sujeito-predicado. É bom salientar que quando uma língua tem proeminência de tópico isso não implica dizer que nela não haverá construções com sujeito-predicado; de igual modo, quando em uma dada língua há sujeito

¹¹ Usaremos o símbolo > para indicar algum tipo de relação semântica: hiperonímia, metonímia etc.

proeminente, nada impede que se encontrem, também, sentenças com tópicocomentário, conforme postulam Li e Thompson (1976).

Do mesmo modo que se pode dizer que é absolutamente possível em português do Brasil construções como (13), (14) e (15)¹², não causam estranheza alguma as construções reestruturadas como (13a), (14a) e (15a).

(13) **Os moradores**, eles estão mais leves com a ausência dos traficantes.

(RJN)

(13a) Os moradores estão mais leves com a ausência dos traficantes.

(14) **Toda essa droga**, ela será incinerada a partir de amanhã. (RJN)

(14a) Toda essa droga será incinerada a partir de amanhã.

(15) **O menino**, de apenas três anos, ele brincava de esconde-esconde com a mãe e entalou numa máquina de lavar roupas. (RJN)

(15a) O menino, de apenas três anos, brincava de esconde-esconde com a mãe e entalou numa máquina de lavar roupas.

Ou seja, as construções dadas se apresentam no português do Brasil em variação livre, podendo, portanto, aparecer codificadas no modelo tópicocomentário, conforme (13), (14) e (15) ou numa estrutura com sujeito-predicado, como nos casos de (13a), (14a) e (15a). Evidentemente, nem toda construção de tópico em português tem essa mobilidade de estruturação sintática. Aos três últimos

¹² Dados coletados de reportagens de telejornais.

casos mencionados, a literatura costuma denominar de deslocamento à esquerda, conforme será mostrado na seção seguinte.

Quanto ao fato de determinadas construções de tópico em português aparecerem em variação livre e outras em distribuição complementar, apresentaremos essa discussão no capítulo 3 desta tese, no qual argumentaremos a favor da frequência de construções com proeminência de tópico para o português brasileiro.

1.1.2.2 Deslocamento à esquerda

Quando um constituinte na posição de tópico tem um correferente expresso na sentença-comentário, diz-se que há deslocamento à esquerda (DE), embora não haja movimento de constituinte para a posição de tópico, já que o correferente ocupa a posição sintática na sentença-comentário, como ocorre em (16), (17) e (18), abaixo.

- (16) **A leucemia**, ela é uma doença terrível, pois afeta o sangue sem a pessoa perceber. (DCCI)
- (17) ... **as pessoas**, elas por exemplo não têm acesso não à prevenção que seria ideal num é? (SILVA, 2006, p. 44)
- (18) **O Fernando**, eu encontrei ele no hospital. (DCCI)

Frequentemente, em português brasileiro, a correferência sintática do tópico com algum constituinte (argumento externo ou interno) da sentença-comentário se dá por meio de um pronome pessoal (ele/ela), mas não exclusivamente, conforme se pode ver em (19).

- (19) ... porque realmente **você**; depois de comer aquilo tudo **cê**; tem que ter uma hora pra descansar. (BERLINK, DUARTE e OLIVEIRA, 2009, p. 155)

Para Berlink, Duarte e Oliveira (2009), esse tipo de estruturação sintática (DE) ocorre com ou sem pausa entre o tópico e o sujeito. Além disso, podem aparecer ou não elementos intervenientes entre o tópico e o pronome a ele coindexado nos casos de correferencialidade do sujeito. Outro dado interessante apontado pelas autoras é o seguinte:

o português brasileiro desenvolveu um paradigma de pronomes fracos, que substituem o sujeito nulo dentro de uma sentença-comentário, opondo-se à série de pronomes fortes, localizados à margem esquerda da sentença. Como as duas séries são quase homófonas em português, (ao contrário do francês e do inglês, por exemplo), (...) essa oposição pode ser vista na possibilidade de múltiplos tópicos [como em (20) e (21) em que o pronome em negrito é tópico e o sublinhado é sujeito da sentença-comentário]. (BERLINK, DUARTE e OLIVEIRA, 2009, p. 156)

Há casos, ainda, em que o DE ocorre numa sequência múltipla, sendo que um dos elementos da sequência é homófono ao sujeito e entre a sequência tópica e a sentença-comentário há hesitação, conforme (20) e (21).

(20) **A professora**_i, **ela**_i, ... no fundo ela é uma orientadora. (BERLINK, DUARTE e OLIVEIRA, 2009, p. 156)

(21) **O data show**_i, **ele**_i, ... depois da queda de energia ele não pega de jeito nenhum. (DCCI)

Neste caso, há uma sequência de tópicos representada por (i) *a professora* e (ii) *ela* e o sujeito que além de ser correferencial a *a professora* é homófono ao tópico *ela* em (20); já em (21), *o data show* e *ele* constituem múltiplos tópicos e *ele*,

de igual forma é correferencial a *o data show* e homófono a *ele*¹³. De modo mais sistemático, temos o seguinte:

Quadro III – Distribuição de tópicos múltiplos

Tópico I	Tópico II	Sujeito
A professora	ela	<u>ela</u> (correferencial a “a professora”, tópico I e homófono a “ela”, tópico II)
O data show	ele	<u>ele</u> (correferencial a “o data show”, tópico I e homófono a “ele”, tópico II)

1.1.2.3 Topicalização

A topicalização (Top) diz respeito ao fato de haver uma posição vazia à qual o tópico está vinculado dentro da sentença-comentário, diferentemente dos casos de DE, e é exatamente aí que reside a diferença entre Top e DE. Vejamos (22) e (23) abaixo.

(22) **Jogo de futebol**, eu detesto [-]. (DCCI)

(23) **Da Holanda**, duvido o Brasil ganhar [-]. (DCCI)

Os tópicos em (22) e (23) estão vinculados, respectivamente, ao argumento interno dos verbos *detestar* e *ganhar*. A Top, conforme Berlink, Duarte e Oliveira, (2009, p. 157) é “uma operação sintática que envolveria o movimento de um constituinte para a posição de tópico, deixando um vestígio, aqui representado por

¹³ Nas convenções de transcrições usadas pelas linguistas, as reticências representam hesitação do falante. Igual convenção adotamos.

um traço [-] na sua posição de origem”. É bom salientar, no entanto, que há estudiosos que não concordam com a ideia de “deslocamento”, por crerem que um dado constituinte, no caso específico, os complementos verbais, é “gerado” na própria posição de tópico a fim de cumprir determinadas funções comunicativas. Assim sendo, não haveria movimento.

Nos casos de Top, muitas vezes ocorre de um constituinte em posição oblíqua aparecer na posição de tópico sem a preposição, caso que seria restrito se o constituinte estivesse na sua posição de origem. (BERLINK, DUARTE e OLIVEIRA, Op. cit., p. 157).

- (24) Agora **o CESMAC** tudo é pago. (DCCI)
- (25) **Recife** tá uma violência terrível. (Id.)
- (26) **A UFAL**, à noite, as aulas vai até dez horas... (Id.)
- (27) **Próximo ano** eu só vô tirá dez em Matemática. (Id.)

Caso os constituintes em posição de tópico estivessem no seu “lugar de origem”, de posição não marcada, seria pouco provável que aparecessem sem serem encabeçados por preposição, mesmo num registro mais frouxo de uso da língua. Senão, vejamos:

- (28) *Agora tudo é pago **o CESMAC**.
- (29) ??Tá uma violência terrível **Recife**.
- (30) *As aulas vai até dez horas **a UFAL**, à noite...
- (31) ??Eu só vô tirá dez em Matemática **próximo ano**.

Dessa forma, consoante Berlink, Duarte e Oliveira (2009, p. 158), “a ausência de preposição parece afrouxar, de certa forma, o vínculo sintático entre tópico e comentário, aproximando essas construções dos anacolutos, apesar de as duas serem distintas pelas razões já apresentadas”. Para as linguistas,

parece haver uma distribuição ‘complementar’ entre deslocamento à esquerda do sujeito e topicalização do objeto. Essa complementaridade está relacionada à preferência pelos sujeitos pronominais expressos (...) e pelo objeto nulo (...). Se levarmos em conta o fato de que as línguas de sujeito nulo, como o italiano, o espanhol e o português europeu, não apresentam estruturas de sujeito deslocado à esquerda, ou seja, retomados por um pronome, e de que essas estruturas são comuns em línguas de sujeito obrigatoriamente preenchido, como o francês e o inglês, podemos relacionar a frequência de tal construção no português brasileiro a um efeito, ou consequência, da tendência a realizar foneticamente o sujeito pronominal. (BERLINK, DUARTE E OLIVEIRA, 2009, p. 158)

Trata-se de uma hipótese bastante robusta, a qual pretendemos investigar com mais acuidade no último capítulo da tese com o objetivo de explicar os mecanismos que dão origem a esse tipo de estruturação sintático-pragmática do Português.

Finalmente, convém colocar uma dificuldade: quando não há tópico pendente ou DE, torna-se bastante difícil o reconhecimento de um sujeito topicalizado. Em (32), quem é sujeito e quem é tópico?

(32) **Meus filhos** adoram verdura, principalmente o guri. (BERLINK, DUARTE E OLIVEIRA, 2009, p. 159)

Uma interpretação possível é a de que *meus filhos* é tópico, ter-se-ia um sujeito nulo, mais o predicado, assim representado (*Tópico meus filhos [sujeito nulo*

[Ø] + *predicado* adoravam verdura]); outra seria ([*sujeito pleno* meus filhos + *predicado* adoram verdura]). Pode-se falar, pois, em ambiguidade estrutural, a qual poderia ser resolvida com a utilização de traços suprasegmentais, como pausa entre o tópico e a sentença-comentário. Contudo, nem sempre é possível haver pausa entre “o tópico marcado e o comentário e o sujeito nulo é cada vez menos frequente no PB”. (BERLINK, DUARTE E OLIVEIRA, 2009, p. 159). A solução seria, conforme as autoras, a postulação de que (32) não deve ser interpretada como (*Tópico* meus filhos [*sujeito nulo* [Ø] + *predicado* adoravam verdura]), já que esse tipo de estruturação não é frequente na fala do PB, sendo, pois, mais adequado interpretar (32) como uma predicação sentencial, porém, salientam as linguistas, essa postulação não deve ser categórica.

Portanto, é imprescindível considerar o contexto em que (32) é enunciado, pois apenas o contexto de produção pode determinar *meus filhos* como sendo sujeito oracional ou tópico marcado. Para este caso, por exemplo, poderíamos pensar em contraste, logo, ter-se-ia tópico; senão, sujeito. Mas ainda somos levados a uma terceira possibilidade: o acúmulo de funções – sintática e pragmática, respectivamente, de sujeito e tópico –, conforme prevê Pezatti (1997).

1.1.2.4 Tópico-sujeito

Por fim, conforme a proposta de Berlink, Duarte e Oliveira (2009), existem construções em que o tópico se encontra numa sentença com um sujeito nulo não argumental.

(33) **O Amazonas**, [Ø_{expl}] é impressionante o número de frutas... (BERLINK, DUARTE E OLIVEIRA, 2009, p. 159)

- (34) **A televisão**, [\emptyset_{expl}] é horrroso quando eles estão fazendo programa.
(ld.)

Parece haver aí o que as autoras chamam de reanálise do tópico como sujeito, ocasionada pela proximidade do tópico com o comentário, mais a necessidade de preenchimento do sujeito, hoje fato no PB. Para Berlink, Duarte e Oliveira (Op. cit., p. 160), “a orientação para o discurso e a preferência pelos sujeitos pronominais preenchidos são certamente os fatores que têm levado ao preenchimento da posição à esquerda do verbo que não seleciona um argumento externo”.

Como se pode observar, de modo geral, as autoras atribuem a ocorrência de tópicos em Português à necessidade de preenchimento de posição à esquerda do verbo. É bom lembrar que não é mera necessidade de preencher, uma vez que cada opção do falante está respaldada numa intenção comunicativa. Em outras palavras, pode-se dizer que há, sim, a necessidade estrutural de preencher, porém, há, também, a inevitável intenção do falante de interagir com o ouvinte de modo a ser compreendido, bem interpretado, enfim, há a necessidade comunicacional. De outro modo, entendemos que a estruturação sintática, passa, antes, pela estruturação pragmática.

1.1.3 O tópico em Perini

Dentre os linguistas brasileiros que têm produzido obras descritivas, Perini tem se destacado por inserir em seus escritos algum tipo de consideração acerca

das construções de tópico. Assim o fez em Perini (1996), em que apresenta uma brevíssima consideração sobre a topicalização, mostrando que quando há constituintes topicalizados numa sentença não há sinonímia, uma vez que as sentenças descrevem a mesma situação, mas tomam elementos distintos como ponto de partida. Os elementos topicalizados, pois, exprimem o assunto principal da sentença, por isso mesmo chamado de tópico.

Em Perini (2006), os capítulos 23 e 24 do livro são dedicados, respectivamente, às construções de tópico e ao tópico discursivo. No capítulo 23, o autor começa por fazer uma reflexão acerca do que se tem feito em termos de análise sintática na nossa vida estudantil, o que chamamos neste trabalho de abordagem tradicional. O autor cita, inclusive, algo que já foi posto aqui: “as exceções [daquilo que não se consegue analisar sintaticamente] são chamadas de ‘anacolutos’ e relegadas ao gueto das estruturas malformadas”. (PERINI, 2006, p. 189). O linguista aponta um importante fato: grande parte da atividade linguística é oral e não escrita e isso imprime limitações às análises tradicionais. Um dos problemas apontados é o caso das construções de tópico, que desencadeiam dois problemas, já que estas podem apresentar dois tipos: o tópico sentencial e o tópico discursivo. (PERINI, 2006).

Segundo Perini (Op. cit., p.193), o “tópico sentencial é o termo da frase do qual se afirma (ou pergunta) alguma coisa”¹⁴.

(35) **Café** eu só tomo pela manhã cedo. (PERINI, 2006, p. 189)

¹⁴ Como se pode observar, esta definição coincide com a que as gramáticas normativas dão para sujeito sintático.

O que está dito é acerca da bebida *café*, a qual é tomada num período específico do dia. Perini aponta pelo menos três razões para analisar o constituinte *café* como objeto direto do verbo *tomar*: (i) o verbo *tomar* exige a presença de OD; (ii) não é possível acrescentar um OD à frase (*Café eu só tomo **leite** de manhã cedo*); e (iii) *café* tem o mesmo papel temático (paciente) que tem o OD de *tomar* em construções como *Eu só tomo café de manhã cedo*. Portanto, conclui Perini, *café* em (35)

é objeto direto, mas é qualquer coisa mais; a essa coisa a mais chamamos **tópico sentencial** (e o restante do enunciado vai se chamar **comentário**). O tópico sentencial não é uma função sintática como objeto direto, e portanto não precisamos dizer que *café* [em (35)] tem dupla função sintática. Trata-se, antes, de uma função comunicativa (...), (PERINI, 2006, p. 190).

Levando-se em consideração o que Lambrecht (1994) propõe, pode-se dizer que o que Perini chama de função comunicativa é, na verdade, uma função pragmática, ligada, portanto, ao discurso, àquilo que o falante quer colocar em destaque para, então, acrescentar uma informação nova.

Quanto ao tópico discursivo, Perini (Op. cit., p. 195) diz que “há uma outra maneira de marcar o tópico, e essa simplesmente não cabe na análise sintática, porque o termo em questão não encontra lugar na estrutura da sentença”. Vejamos alguns exemplos:

(36) **Esse carro** o motor tá precisando trocar. (PERINI, 2006, p.195)

(37) **Fotografia**, o papel ficou impossível. (Id., p. 199)

Pelos exemplos dados e pela definição apresentada, verifica-se que as estruturas denominadas por Perini (2006) de tópico discursivo são, no geral, as que Berlink, Duarte e Oliveira (2006) classificam como *tópico pendente ou anacoluto, DE* ou *tópico-sujeito*. A denominação feita por Perini é um tanto complicada, porque pode levar os desavisados ou pouco familiarizados com a linguística textual a crer que o tópico discursivo por este autor proposto é o mesmo da linguística textual quando trata de estruturação tópica da organização textual-interativa. A este respeito, Jubran (2006, p. 91) diz: “o tópico discursivo não se confunde com o da estrutura sentencial *tópico/comentário, tema/rema*”, como já explicitado anteriormente.

Na verdade, as construções que Perini denomina de tópico discursivo são todas aquelas em que o elemento topicalizado não exerce função sintática no comentário. Já os demais casos seriam denominados de tópico sentencial. Embora concordemos que todas as manifestações de tópico sejam da ordem do discurso, ou seja, a sua razão de ser é exatamente pôr em relevo uma dada parte da sentença para que o ouvinte a perceba de modo distinto, não concordamos com a denominação feita por Perini (tópico discursivo), uma vez que esta pode levar a equívoco conceitual, como defende Jubran (Op.cit.).

Em Perini (2008), há mais um capítulo dedicado às construções de tópico: *A valência na interface entre semântica e estrutura informacional*. O autor defende que o “brasileiro falado” apresenta estruturas sintáticas diferentes das tradicionalmente estudadas quanto à atribuição de papéis temáticos. A questão é que nas construções de tópico as relações entre tópico e sentença-comentário nem sempre coincidem com relações sintáticas, exatamente porque na grande maioria dos casos o tópico não é selecionado pelo verbo. Em casos como (38),

(38) **Esse cano** sai fumaça.

Perini (2008, p. 337) diz que “esse *cano* tem papel temático de Fonte; no entanto, a estrutura é de um SN, sem a preposição que tipicamente marca Fonte com verbos da classe de *sair*, como em *sai fumaça desse cano*” e, então, problematiza como é que o falante processa esse tipo de informação, ou seja, a informação de que esse *cano* é Fonte e não Meta, por exemplo.

Desta forma, percebe-se que semanticamente um tópico pode ser conectado à sentença-comentário, como o pode sintaticamente, conforme já se mostrou aqui, mas em certos casos, assim como é impossível a atribuição de função sintática, parece ser pouco provável a atribuição de um papel temático, pois o tópico não se enquadra na grade temática do verbo, como em (39).

(39) **Eu agora**, ‘cabou desculpa de concurso, né? (PONTES, 1987)

Uma interessante colocação feita por Perini (2008), com a qual concordamos e que será objeto de discussão no próximo capítulo desta tese, é a de que muitos estudos sobre o assunto defendem que o tópico não tem uma função sintática. Quem assim pensa, o faz considerando funções sintáticas tradicionais (sujeito, objeto, adjunto etc.). Na verdade, à semelhança das funções tradicionais, a de tópico é muito bem definida quanto ao seu lugar estrutural, pode manter ou não relação sintático-semântica com o verbo; de qualquer forma, trata-se, também, de uma função sintática. Obviamente, há de se considerar para isso outra forma de se

enxergar o modo estrutural da sentença, isto é, nela há mais do que as funções que a tradição está habituada a classificar.

Em Perini (2010), também aparece um capítulo sobre as construções de tópico, dessa vez bem tímido e sem muita coisa a acrescentar ao que foi dito nas obras anteriores. Chama-nos atenção, entretanto, a distinção que o linguista faz entre tópico sentencial e tópico discursivo, já referida neste texto, e com a qual discordamos. A este respeito, Berlink, Duarte e Oliveira (2009, p. 104) postulam: “ressaltamos que ‘tópico marcado’ e ‘sujeito sintático’ (...) não se confundem com o conceito de ‘tópico discursivo’”.

1.1.4 O tópico em Brito, Duarte e Matos

De acordo com Brito, Duarte e Matos (2003, p. 316),

sendo o português uma língua de proeminência de sujeito¹⁵, a estrutura temática da frase está gramaticalizada através da distinção sujeito-predicado. Assim, nas frases declarativas não marcadas com sujeitos pré-verbais, à estrutura sintática **sujeito-predicado** corresponde a estrutura **tópico-comentário**, i.e., o sujeito designa aquilo acerca de que se afirma, nega ou questiona a propriedade expressa pelo predicado, que constitui o comentário acerca desse tópico.

Em outras palavras, as autoras defendem que funções sintáticas, a exemplo de sujeito, coincidem com funções pragmáticas, como tópico. Para ilustrar tal fato, elas mostram a seguinte frase, reproduzida em (40).

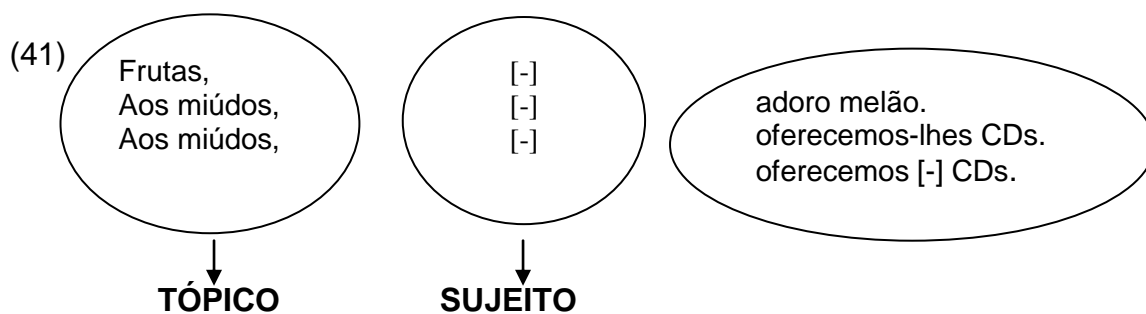
¹⁵ Obviamente, as autoras falam do português de Portugal, uma vez que muitos estudos apontam que o português do Brasil parece ser mais adequadamente descrito como uma língua com sujeito e tópico proeminentes, ou como uma língua que se encontra em processo de mudança e tende a se tornar com proeminência de tópico.

(40) **Os linguistas** *escrevem textos incompreensíveis*.

No exemplo em tela, o SN “*os linguistas*” acumula a função sintática de sujeito e a pragmática de tópico; já o constituinte “*escrevem textos incompreensíveis*”, além de ser predicado, função sintática, é também o comentário, uma função pragmática. Ao lado de frases que exprimem conteúdos categóricos, como (40), em que a estrutura sujeito-predicado é homóloga à estrutura tópico-comentário, aparecem frases em que essa coincidência não se faz verdadeira. (BRITO, DUARTE e MATOS, 2003, p. 317).

O dado exposto em (40), em português do Brasil, como já mostrado anteriormente, poderia perfeitamente ser interpretado do seguinte modo: **Os linguistas** Φ *escrevem textos incompreensíveis*. Neste caso, ter-se-ia “os linguistas” como tópico e o sujeito seria “ Φ ”. Não temos evidências nem dados suficientes para discutir essa questão em relação ao português europeu, tampouco é nossa proposta de trabalho fazer estudo comparativo entre essas duas variedades do português, se é que assim podemos denominar o PB e o PE.

Vejamos (41), em que a suposta coincidência relatada pelas autoras entre sujeito e tópico não ocorre:



Em (41), portanto, não há coincidência entre estruturas de tópico e sujeito, o que foge do padrão de línguas cuja proeminência é de sujeito. As estruturas que se posicionam à margem esquerda em (41) são, em termos técnicos, denominadas de *tópico marcado*. Em (40), ao contrário, há um caso de tópico não marcado.

Dito isto, passemos à classificação das construções de tópico marcado proposta pelas autoras: (i) *tópico pendente*, (ii) *deslocação à esquerda de tópico pendente*, (iii) *deslocação à esquerda clítica*, (iv) *topicalização*, e (v) *topicalização selvagem*.

1.1.4.1 Tópico pendente

Nesse tipo de construção, existe o que Brito, Duarte e Matos (2003) chamam de grau mínimo de sintatização, pois há alguma conectividade entre o tópico e algum constituinte sintático da sentença-comentário, mas que não é um constituinte sintático do comentário.

(42) ...**filmes estrangeiros**, estamos a ver o filme até o final e não sabemos do que se trata. (BRITO, DUARTE e MATOS, 2003, p. 492)

O tópico *filmes estrangeiros* em (42) “estabelece uma relação de hiperonímia com o constituinte *o filme* presente no comentário”. (Id. Ibid.). Outra característica do tópico pendente, em geral, é que ele aparece em forma de um SN ou de um SP. Além disso, a relação entre tópico e comentário “obedece apenas à *Condição de Relevância*, que estipula que o comentário deve ser relevante acerca do tópico (i. e., que a proposição expressa pelo comentário possa ser avaliada a partir do tópico e possa ser classificada e armazenada sob a entrada referencial correspondente ao tópico)”, (BRITO, DUARTE e MATOS, 2003, p. 492). Ademais, do ponto de vista textual, exerce uma estratégia de mudança de um tópico discursivo – aqui entendido na perspectiva de Jubran (2006) – entre as macrossequências anterior e posterior do texto. Em outras palavras, podemos dizer que o falante dá uma pista ao ouvinte acerca do assunto, o qual será objeto-de-discurso no instante de um determinado turno de fala. Assim, na construção das formas da língua, há a efetiva colaboração dos partícipes do ato interacional de construção da conversação.

1.1.4.2 Deslocação à esquerda de tópico pendente

A construção dessa natureza, nas pesquisas brasileiras, tem recebido o rótulo de *deslocamento à esquerda*, seguindo-se a proposição de Ross (1967). Basicamente, trata-se de uma construção em que o tópico é “reproduzido” por um pronome-cópia na sentença-comentário, segundo já se apontou anteriormente. Sob o aspecto gramatical, portanto, goza de sintatização fraca, estabelecendo com algum constituinte do comentário traços gramaticais de gênero, número e pessoa,

aspectos que também implicam a condição de relevância, a qual assume correferencialidade entre o tópico e o constituinte interno do comentário.

Do ponto de vista textual, reconhece-se uma estratégia frequente nos contextos de pergunta-resposta, informação, aliás, constatada em Silva (2006, p. 56), o qual defende que num ato comunicativo de pergunta-resposta, o tópico fica na pergunta e a sentença-comentário constitui a resposta do falante, ou ainda o tópico se encontra na pergunta e é reiterado nominalmente na resposta. Estes arranjos foram regularmente encontrados no *corpus* analisado pelo autor. Vejamos:

- (43) Que você acha do jornal de Alagoas?
As informações do istado, elas são muito bloquiada... (SILVA, 2006)
- (44) O que você acha de interessante na sua profissão?
 Eu acho interessante, porque **o curso de direito**, ele tem: uma - uma área de atuação muito - ampla né? (Id.)

Observe-se que os pronomes-cópia *elas* (43) e *ele* (44), respectivamente, estabelecem harmonia quanto ao gênero, número e pessoa com os tópicos “*as informações do istado*” e “*o curso de direito*” e, ao mesmo tempo, o tópico é correferenciais a esses pronomes, cujas funções sintáticas, em ambos os casos, são de sujeito.

1.1.4.3 Deslocação à esquerda clítica

A *deslocação à esquerda clítica*, ao contrário das construções anteriores, é caracterizada pelo elevado grau de sintatização do tópico marcado com algum item da sentença-comentário. Dessa forma, “o tópico exibe propriedades de

conformidade referencial, categorial, causal e temática com o constituinte interno ao comentário”, (BRITO, DUARTE e MATOS, 2003, p. 495).

(45) **Ao João**, quem é que não lhe pagou o ordenado este mês? (Id.Ibid.)

Como o constituinte que se conecta ao tópico é, necessariamente, um pronome clítico, supomos que este tipo de construção apresenta-se improdutiva no português do Brasil contemporâneo, vez que nossa gramática parece não mais aceitar o preenchimento de um argumento interno com o uso de um clítico; em vez disso, frequentemente, preenchemos com pronomes pessoais ou deixamos a posição vazia, no caso de o objeto estar topicalizado.

(46) **O Pajó**, visse ele onde? (DCCI)

(47) **O CD novo da Maria Bethania**, encontrasse [-] onde? (DCCI)

Duarte (1986), por exemplo, já aponta essa tendência no português falado em São Paulo, para quem o objeto direto anafórico na variedade estudada apresenta os seguintes percentuais: clítico (5%), pronome lexical (15%), SN (17%) e objeto nulo (63%), ou seja, pode-se dizer que há um elevado percentual de objetos nulos, se compararmos com os demais casos.

De acordo com Oliveira (2004, p. 01)¹⁶

Estudos como os de Omena (1979), Duarte (1986), Malvar (1992), Pará (1997) e Luize (1997) têm apontado a perda do clítico acusativo de 3ª. pessoa no Português de diferentes regiões do Brasil. Duarte (1989)

¹⁶ Disponível em: <http://www.flch.usp.br/dlcv/lport/pdf/maril009.pdf> Acesso em 13/12/2010, às 03h21min.

considera que 'a escola é um instrumento que municia o indivíduo com a habilidade de usar o clítico'. Para Corrêa (1991), esse tipo de clítico é aprendido via instrução formal e se dá primeiro na modalidade escrita. Kato (1996) propôs que o clítico é adquirido como morfologia estilística.

Além das características já apontadas, a deslocação à esquerda clítica se mostra sensível a ilhas, é interativa, i. e., pode ocorrer uma cadeia de tópicos marcados para uma mesma sentença, não legitima lacunas parasitas e, do ponto de vista textual, quase sempre funciona como estratégia de preservação do tópico.

É interessante reforçar que esse tipo de construção no português do Brasil é pouco produtiva. Embora a nossa intenção não seja comparar essas duas variedades do português, veja-se, a título de exemplo, o que Brito, Duarte e Matos (2003, p. 496) consideram agramatical por não serem legitimadas nessa categoria de tópico as lacunas parasitas.

- (48) ***Esse artigo sobre forças fracas**, o João discutiu-o sem ter lido [-].
(BRITO, DUARTE e MATOS, 2003, p. 496).

À exceção do uso do clítico na estrutura interna da sentença-comentário, certamente, qualquer falante do português brasileiro aceitaria (48) como uma estrutura gramaticalmente bem-sucedida, apesar da lacuna parasita existente. A fim de melhor clarificar, em termos de português do Brasil (48) ficaria mais “natural aos nossos ouvidos” assim:

- (49) **Esse artigo sobre forças fracas**, o João discutiu ele sem ter lido [-].

ou

- (50) **Esse artigo sobre forças fracas**, o João discutiu [-] sem ter lido ele.

ou ainda

(51) **Esse artigo sobre forças fracas**, o João discutiu [-] sem ter lido [-].

Em conformidade com Brito, Duarte e Matos (2003, p. 496),

As propriedades de conectividade de *Deslocação à Esquerda Clítica* levaram vários autores a considerar que estava envolvida na sua derivação movimento do constituinte que ocorre como tópico marcado da posição interna ao comentário assinalada pelo pronome clítico para a posição periférica à esquerda da frase. As análises dominantes actualmente consideram que o tópico marcado é gerado directamente na posição em que ocorre (...) e que os efeitos de conectividade manifestados pela construção resultam da relação de ligação que se estabelece entre tal constituinte em posição não argumental, periférica à esquerda, e que o pronome clítico ocorre obrigatoriamente no comentário.

Para efeito deste trabalho, defendemos exactamente a perspectiva das “*análises dominantes actualmente*” referidas pelas linguistas, já que as construções de tópico também podem ser básicas na língua, bem como as de sujeito-predicado.

1.1.4.4 Topicalização

Para Brito, Duarte e Matos (2003, p. 497), a topicalização apresenta alto grau de sintatização, visto que o tópico “exibe propriedades de conformidade referencial, categorial, casual e temática com um constituinte interno ao comentário”, além disso, o constituinte que estabelece correferencialidade com o tópico é sempre uma categoria vazia; pode haver mais de um constituinte topicalizado por oração, o que configura a construção interativa, cuja aplicação é ilimitada; por haver categoria vazia no comentário, são legitimadas as lacunas parasitas.

- (52) **Piscina**, não sabia que tinha [-]. (BRITO, DUARTE e MATOS (Op. cit., p. 497)

Categoria vazia + sintatização

- (53) **Prá deputado**, eu não voto nem morto [-], (DCCI)

Categoria vazia + sintatização

- (54) **Dinheiro, ao João**, é prudente não emprestar [-] [-], (BRITO, DUARTE e MATOS (Op. cit., p. 498)

Categoria interativa

- (55) **O crepe do Palato**, [-] é tão bom [que como [-] por uma refeição].(DCCI)

Forma parasita

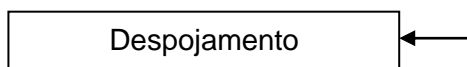
Do ponto de vista textual, a topicalização

pode introduzir um novo tópico no discurso, pode ser utilizada como uma estratégia de progressão temática (um elemento do comentário da frase anterior é selecionado como tópico da seguinte ou pode servir para pôr em contraste a predicação expressa pelo comentário acerca da entidade designada pelo tópico com uma outra predicação contida no discurso anterior envolvendo a mesma entidade). (BRITO, DUARTE e MATOS (Op. cit., p. 499).

Ainda para as autoras, esse tipo de construção no português (e aqui defendo que a assertiva vale também para o português do Brasil) “distingue-se da maioria das línguas românicas, que usam a *Topicalização* como uma estratégia de focalização contrastiva, contrastam-se predicações, razão pela qual as paráfrases que explicitam tal interpretação envolvem *Despojamento* [contraste não focalizado] e não *Contraste Sintagmático* [focalização contrastiva]”. (Id. Ibid.).

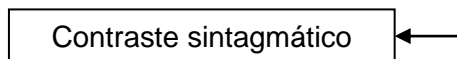
(56) **Esse livro**, já li [-], (mas) este, ainda não. (Id. Ibid.).

Despojamento



(57) **Esse livro**, já li, (e/mas) não este. (Id. Ibid.).

Contraste sintagmático



1.1.4.5 Topicalização selvagem

Por fim, as autoras propõem a chamada *topicalização selvagem*, a qual “é uma variação da Topicalização típica do modo oral”, (BRITO, DUARTE e MATOS, Op. cit., p. 501). A topicalização selvagem apresenta sintatização, porém com restrição apenas à referencialidade e à tematicidade, aceitando, portanto, conectividade categorial e casual entre o tópico e a posição sintática de onde ele foi extraído. Compare-se, a título de verificação, o que ocorre em (58) e (59).

(58) **Os livros da Stephenie Meyer**, eu não gosto [-]. (DCCI)

(59) Eu não gosto *dos livros da Stephenie Meyer*.

Segundo as linguistas, esse tipo de construção é aceito pelos falantes cultos da língua oral quando o elemento suprimido, responsável pela conectividade causal e categorial, é uma preposição destituída de conteúdo semântico, com papel restrito à atribuição de caso. O curioso aqui é que parece que as linguistas autorizam os chamados falantes cultos a arbitrarem sobre esse tipo de construção. Defendemos,

ao contrário, que qualquer usuário da língua tem competência linguística para avaliar e aceitar ou não as construções da língua. Se assim não for, incorre-se no tão famigerado estigma de que as pessoas menos instruídas não sabem a língua com a qual se comunicam e interagem na vida social.

Outro aspecto a se considerar, é que a *topicalização selvagem* é fato frequente no PB. Não raro, construímos SPs sem cabeça ou, quando topicalizamos um SP, apagamos a preposição, segundo se pode conferir de (24) a (27), aqui repetidos como (60) a (63).

(60) Agora **o CESMAC** tudo é pago. (DCCI)

(61) **Recife** tá uma violência terrível. (Id.)

(62) **A UFAL**, à noite, as aulas vai até dez horas... (Id.)

(63) **Próximo ano** eu só vô tirá dez em Matemática. (Id.)

Nos próximos itens falaremos de dois estudos pioneiros: o de Li e Thompson (1976) e o de Pontes (1987). Aqueles propuseram os fundamentos acerca das construções tópicas; esta foi a precursora dos estudos sobre tópico no Brasil.

1.1.5 O tópico em Pontes

Em termos teóricos, falar de Pontes é falar de Li e Thompson. Os trabalhos de Pontes, de modo geral, não apresentam nenhuma novidade do ponto de vista teórico, uma vez que a autora lança mão da tipologia de línguas proposta por Li e Thompson (1976) e a aplica ao português do Brasil. Isso, evidentemente, não é

demérito à autora. Diríamos, porém, que a significância do trabalho de Pontes (1987) reside em três eixos: a) o pioneirismo no Brasil; b) a riqueza de dados descritos; e, por último, c) a defesa do PB como uma língua que codifica sujeito-predicado, mas também tópico-comentário, apesar de ser uma defesa oscilante.

O trabalho de Pontes desencadeou vários estudos sobre as construções de tópico, seja para explicar questões que a autora não respondeu, seja para negar determinadas “verdades” presentes em sua obra. Por outro lado, Pontes é ousada em trazer à tona dados “não higienizados”, “brutos”, quando a tradição dos estudos gramaticais privilegia as sentenças “bem formadas”, canônicas, com SVO como modelo de bom uso da língua.

Talvez, a maior contribuição de Pontes seja esta: assumir que sujeito-predicado não é a única forma básica de estruturação das sentenças da língua. Assim, defende a autora, que além de estruturas com sujeito-predicado, o PB também apresenta em sua gramática estruturas do tipo tópico-comentário, sendo, pois, uma língua que se enquadra na terceira tipologia, segundo a caracterização de Li e Thompson (Op. Cit.), ou seja, uma língua em que há sujeito e tópico proeminentes, embora em muitos momentos de sua obra Pontes sugira que o PB apresenta fortes indícios para uma língua Tp ou ao menos está a caminho disso. No mais, veja-se o próximo item.

1.1.6 O tópico em Li e Thompson

O trabalho de Li e Thompson (1976) é pioneiro na importante discussão sobre inserção das construções de tópico nas agendas dos estudos linguísticos. Hoje,

qualquer descrição linguística que fale do assunto, inevitavelmente, refere aos autores, não necessariamente em concordância com eles. Ainda assim, podemos dizer que o artigo “*Subject and topic: a new typology of language*” constitui, 34 anos depois, conteúdo atual para a linguística contemporânea.

Para esses autores,

The notion of subject has long been considered a basic grammatical relation in the sentential structure of a language. However, the evidence we have gathered from certain languages suggests that in these languages the basic constructions manifest a topic-comment relation rather than a subject-predicate relation. This evidence shows not only that the notion of topic may be as basic as that of subject in grammatical descriptions, but also that languages may differ in their strategies in construction sentences according to the prominence of the notions of topic and subject. (LI e THOMPSON, 1976, p. 460).

O que os linguistas defendem, portanto, é que as construções com tópico-comentário podem ser uma estratégia de estruturação da língua tanto quanto a de sujeito-predicado. A fim de sustentar essa teoria, os estudiosos, então, propõem a seguinte classificação tipológica das línguas:

- a) languages that are subject-prominent;
- b) languages that are topic-prominent;
- c) languages that are both subject-prominent and topic-prominent;
- d) languages that are neither subject-prominent nor topic-prominent. (Id. Ibid.).

Diante de tais afirmações, sempre se quer saber em que categoria tipológica enquadra-se o português. Nesta tese, estamos defendendo que o português do Brasil parece ser mais bem descrito como uma língua do tipo (c), uma vez que no uso efetivo dessa língua não encontramos estruturas exclusivas do tipo (a) ou do

tipo (b), mas de ambos. A discussão em prol de categorizar o PB como uma língua que apresenta sujeito e tópico proeminentes será tema do capítulo três deste trabalho.

Para Li e Thompson (1976), os estudos linguísticos modernos têm tomado como óbvia a ideia de que as línguas do mundo são estruturadas a partir da relação sujeito-predicado, razão por que essa estrutura é percebida pelos estudiosos como universal da gramática. Schachter e Otnes *apud* Li e Thompson (Op.cit, p.461), em contraposição ao que reza a tradição, “stated that the Tagalog basic sentence structure should not be described in terms of the notion subject . Another example is E. Hope (1974) who has described a remarkable Tp language, Lisu, a Lolo-Burmese language”. Segundo os autores, é bastante difícil o estabelecimento de uma tipologia de línguas em termos de proeminência de sujeito ou de proeminência de tópico na atualidade dos estudos linguísticos, pois quase sempre os linguistas têm inclinação para analisar as línguas considerando a relação sujeito-predicado como sendo estrutura básica e universal das línguas. De modo geral, Li e Thompson propõem uma série de critérios que diferenciam as línguas com tópico proeminente das línguas com sujeito proeminente, conforme quadro abaixo, já apresentado à página 26 e aqui repetido para efeito de facilitação da leitura.

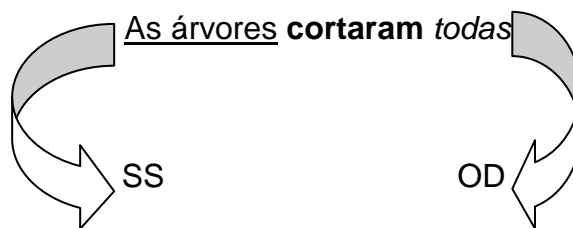
CARACTERÍSTICA	TÓPICO	SUJEITO
<i>DEFINIÇÃO</i>	+	-
<i>RELAÇÕES SELECIONAIS</i>	-	+
<i>DETERMINADO PELO VERBO</i>	-	+
<i>PAPEL FUNCIONAL</i>	+	-
<i>CONCORDÂNCIA VERBAL</i>	-	+
<i>POSIÇÃO INICIAL NA SENTENÇA</i>	+	-
<i>PROCESSOS GRAMATICAIIS</i>	-	+

As características acima propostas por Li e Thompson são bastante pontuais, ou seja, as que se aplicam para sujeito não se aplicam para tópico, ao menos nas línguas descritas por esses pesquisadores. Em PB, nem sempre essas características ficam claras.

As construções com Tp (tópico proeminente) em PB, de fato, não aceitam processos gramaticais, como passivização, reflexivização, imperativização dentre outros, ao contrário do que ocorre em sentenças com Sp (sujeito proeminente). No entanto, se se levar em conta as demais características ausentes em Tp, a partir da teoria de Li e Thompson – concordância, relação seletional e determinação pelo verbo – fica pouco evidente isso em PB, uma vez que certas construções dessa língua parecem pouco nítidas quanto à sua estrutura básica, podendo ocorrer um “sujeito” na estrutura de superfície, portanto, com concordância, mas, em verdade, trata-se de uma construção de tópico. Senão, vejamos.

(64) **As árvores** cortaram todas. (DCCI)

Aparentemente, existe concordância entre o que chamaremos sujeito de superfície (SS) “*as árvores*” e a forma verbal “*cortaram*”. Porém, se bem se observar a semântica do verbo, vê-se desfeito tal equívoco. O verbo cortar, neste contexto, exige dois argumentos, um interno e outro externo. Em outras palavras, esse verbo reclama um agente e um paciente. Coincidentemente, do modo como a sentença está estruturada, parece haver o preenchimento de todas as necessidades argumentais do verbo.



Como no contexto em discussão “*as árvores*” não possui papel temático de Agente, não pode ser sujeito. É bem verdade, que um dado constituinte não precisa ser agente para ser sujeito, já que outros papéis temáticos podem funcionar como tal. Porém, um verbo do tipo *cortar* (no contexto em discussão) exige um agente como sujeito. Na realidade, *as árvores* são o alvo do processo, portanto, o paciente. Logo, o que pode aparentar na superfície não condiz com a estruturação sintática da sentença, a qual parece ser mais bem descrita nos seguintes termos:

(65) **As árvores** Φ cortaram todas.

Vejamos que os traços de tópico propostos por Li e Thompson (1976) são facilmente atribuídos a *as árvores*: o termo é um sintagma definido, apresenta um papel funcional¹⁷, está na posição inicial da sentença e não é determinado pelo verbo. Portanto, não exerce relação seletional com ele, muito menos se pode dizer que a concordância é feita com o verbo (é perfeitamente possível se dizer algo como: *a planta cortaram toda*) – o que houve aí foi mera coincidência de um OD no plural –, tampouco, há processos gramaticais. Dessa forma, na descrição de (64 e 65) é prudente considerar que o sujeito não aparece na superfície e, então, o tópico, em seu domínio funcional, aparece na pretensa posição de sujeito.

¹⁷ Entenda-se papel funcional nos termos de Chafe (1976, p.), o qual sugere "What the topics appear to do is limit the applicability of the main predication to a certain restricted domain (...) The topic sets a spatial, temporal, or individual framework within which the main predication holds."

No caso anterior, com um pouco de perspicácia, nota-se que *as árvores* não é sujeito. Mas o que dizer de (66 e 67)?

(66) **João** quebrou o prato¹⁸.

(67) **João**, ele quebrou o prato.

De acordo com Pontes (1987, p. 65), a primeira dificuldade na qual se esbarra ao se tentar analisar, em PB, construções como (66), chamada na literatura de deslocamento à esquerda (DE), diz respeito ao fato de que “em nossa língua a elipse do pronome é bem mais livre do que no inglês”. Assim, seria possível dizer que *João* em (66) é tópico e o pronome foi elidido, já que em (67) ele aparece? Ou seriam duas construções distintas? A partir da perspectiva teórica adotada neste trabalho, é coerente afirmar que são construções distintas, que se prestam a propósitos comunicativos e ou discursivos também distintos. Isso tem a ver com o contexto discursivo: quando se introduz um tópico novo, ele vem na primeira posição e parece ser uma tendência na maior parte das línguas naturais codificar-se essa função como sujeito. Em (66), então, “*João*” acumularia três funções: a) sintática – sujeito; b) semântica – agente; e c) pragmática – tópico. Se o tópico fosse “o prato”, teríamos topicalização – “o prato, João quebrou” – ou mesmo outro mecanismo que se adequasse à necessidade comunicativa do falante.

Diante disso, fazemos a seguinte reflexão: se a finalidade precípua da língua é comunicar – e, claro, essa comunicação se apoia na interação – os mecanismos

¹⁸ Como se verá adiante, no próximo capítulo, o que diferencia os modos de estruturação sintática de (62) e (63) é a estruturação pragmática. Em (62) há um contexto que é o seguinte: o ouvinte nada sabe sobre João ou sobre quebrar prato. É uma informação nova. Em (63), há um discurso anterior (verbal ou não) sobre João. Como os mecanismos de ativação da informação são distintos, as estruturas linguísticas só poderiam ser diferentes!

discursivos – providos pela sintaxe – vão estar aí à disposição dos interactantes a fim de que estes estruturam as informações, conforme as instâncias discursivas.

Em outras línguas, como no francês, por exemplo, esse tipo de construção é recorrente na fala e até mesmo na escrita de canções¹⁹ e noutras situações mais formais.

(68) Moi, **mes gengives**, c'est du béton. (Marie Claire – Pontes, 1987)

(69) **La détresse**, ça existe. (cartaz no metrô - Pontes, 1987)

É bom salientar, contudo, que uma das dificuldades de análise desse tipo de construção em PB diz respeito às traduções das teorias. Conforme declara Pontes (Op. Cit., p.67), “para quem simplesmente toma a análise do inglês e traduz para o português, (5) [reproduzido em (70)] seria o exemplo de Top”.

(70) **Feijão** eu não gosto (dele*).

Em (70) *feijão* é tópico, mesmo não havendo a característica *definição*, sugerida por Li e Thompson como identificadora de Tp. Curiosamente, se se torna o SN *feijão* definido em (70), a construção admite o pronome cópia (*Esse feijão*, eu não gostei dele.). Nesse caso, pode-se inferir que há Top se o SN for indefinido e DE se definido. Que dizer, então, de (66) e (67)?

Pontes (1987) observa que

¹⁹ Veja-se, por exemplo, o caso da famosa canção de Jaques Brel, *Ne me quite pas: **Moi** je t'offrirai, des perles de pluie venues de pays où il ne pleut pas.*

A situação em português não é a mesma do inglês e querer distinguir duas construções tópicas na base da presença ou ausência do pronome não é fácil, porque não se encontra uma diferença nítida entre as Ss com pronome e as Ss sem pronomes. A opcionalidade do pronome faz com que as duas construções (se é que são duas) se confundam em nossa língua. (PONTES, 1987, p.71)

Apesar das dificuldades de se distinguir Top de DE em certos casos em PB, Pontes (Op. Cit. p. 82) chega a uma conclusão plausível:

- a) Top – sem pausa, sem pronome, contrastivo, com SNs tanto definidos como não.
- b) DE – com pausa, com pronome, não contrastivo, com SNs definidos, dados.

Assim sendo, parece coerente considerar que (66) e (67) são duas construções: a primeira formada por Top; a segunda, por DE.

Perante o exposto, percebe-se a complexidade do que se tem chamado de *tópico* nos estudos linguísticos. A fim de aclarar essa categoria linguística, o próximo capítulo tem por propósito descrevê-la levando em conta os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos.